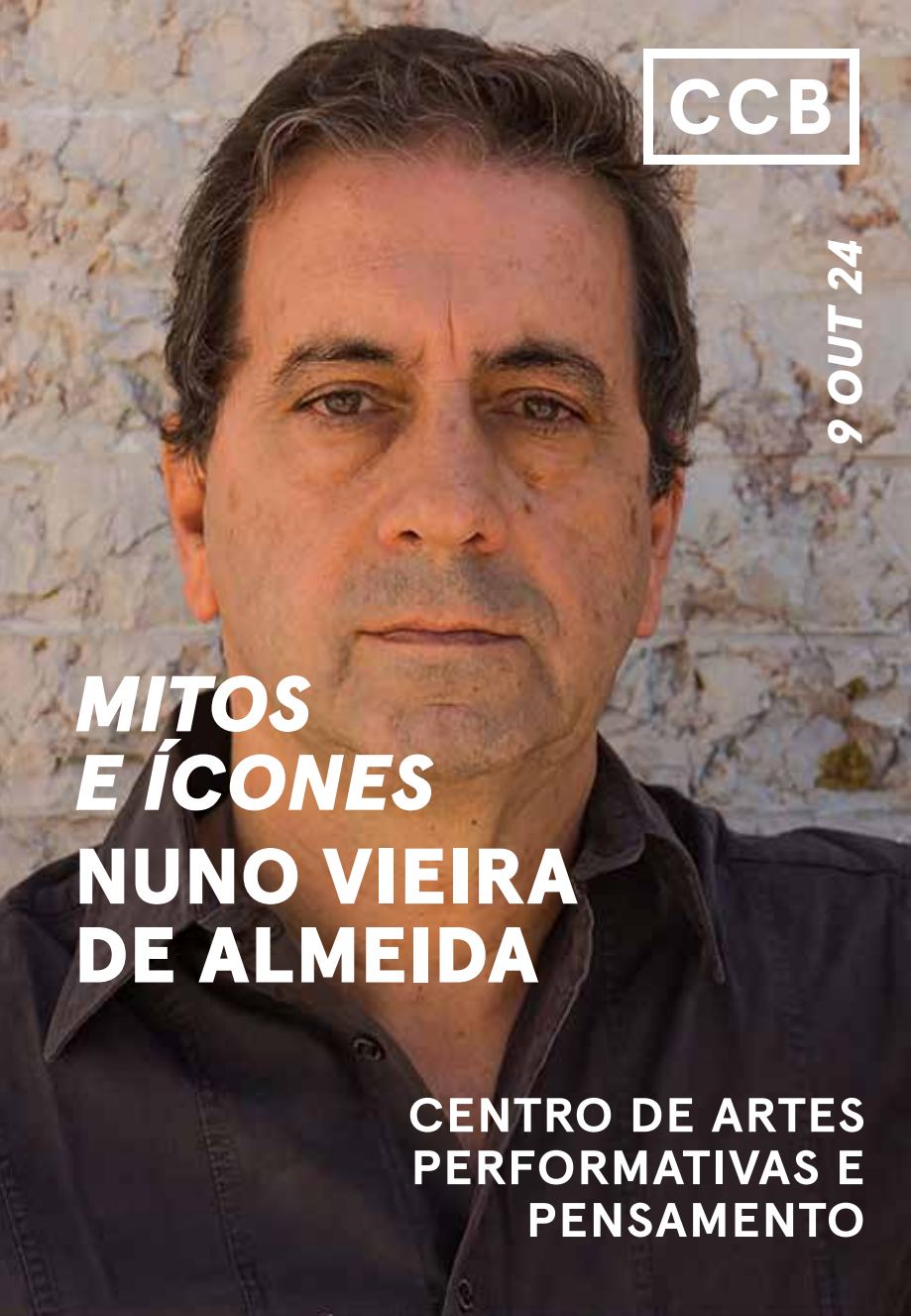


A close-up portrait of Nuno Vieira de Almeida, a middle-aged man with dark, slightly graying hair and a serious expression. He is wearing a dark, collared shirt. The background is a textured, light-colored wall.

CCB

9 OUT 24

**MITOS
E ÍCONES**

**NUNO VIEIRA
DE ALMEIDA**

**CENTRO DE ARTES
PERFORMATIVAS E
PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Sala Lopes-Graça

Qua, 18h30

Ciclo de Conferências

MITOS E ÍCONES

O ciclo de conferências *Mitos e Ícones*, proferido por Nuno Vieira de Almeida, abordará grandes temas da literatura e música clássica, passando também por alguns intérpretes que marcam o tempo.

A primeira sessão, a 9 de outubro, discutirá *Elektra* de Hofmannsthal e Strauss com Helena Vasconcelos.

A 16 de outubro, explorará as leituras de Berlioz e Mahler sobre *Fausto* de Goethe.

A 6 de novembro, examinará *O Cavaleiro da Rosa* de Hofmannsthal e Strauss.

A 27 de novembro, com o professor José Pedro Serra, tratará de mitos no *Lied* alemão.

A 12 de dezembro, destacará Dietrich Fischer-Dieskau.

Finalmente, a 15 de janeiro de 2025, comparará Amália Rodrigues e Maria Callas com Frederico Santiago, investigador da obra de Amália e tenor do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

ELEKTRA

RELEITURA DE SÓFOCLES

POR HOFMANNSTHAL E STRAUSS

COM HELENA VASCONCELOS

Na peça de teatro que dá origem ao libreto da ópera, Hofmannsthal segue de perto a *Elektra* de Sófocles, concentrando-se na sua obsessão de vingança pela morte de Agamémnon, seu pai. Sobre ela Strauss escreve uma das mais violentas obras de todo o repertório com uma linguagem musical simultaneamente modernista e comovente. A brutalidade é de tal ordem que Herbert von Karajan tem um princípio de enfarte ao dirigi-la em Salzburgo e Thomas Beecham, depois de dirigir a estreia inglesa, comenta com humor: «agora vou para casa tocar o acorde de Ré Maior para ter a certeza de que ainda existe.»

Falaremos sobre tudo isto.

NUNO VIEIRA DE ALMEIDA

ELEKTRA

MÚSICA DE RICHARD STRAUSS (1864–1949)

LIBRETO DE HUGO VON HOFMANNSTHAL (1874–1929)

Aqui são apresentados apenas alguns excertos
da ópera de Richard Strauss.

FÜNFTE MAGD (innen)

Sie schlagen mich!

(Elektra tritt aus dem Hause)

ELEKTRA

Allein! Weh, ganz allein.

Der Vater fort,

hinabgescheucht

in seine kalten Klüfte...

(gegen den Boden)

Agamemnon!

Agamemnon!

Wo bist du, Vater?

Hast du nicht die Kraft,

dein Angesicht herauf

zu mir zu schleppen?.

Es ist die Stunde,

unsre Stunde ist's,

die Stunde, wo sie dich

geschlachtet haben,

dein Weib und der mit ihr

in einem Bette,

in deinem königlichen Bette schläft.

Sie schlugen dich im Bade tot,

dein Blut rann über deine Augen,

und das Bad dampfte

von deinem Blut. Da nahm er dich,

der Feige, bei den Schultern,

zerzte dich hinaus aus

dem Gemach,

den Kopf voraus,

die Beine schleifend hinterher:

dein Auge, das starre, offne,

sah herein ins Haus.

So kommst du wieder,

QUINTA CRIADA (dentro de casa)

Elas estão a bater-me!

(surge Elektra vinda do interior da casa)

ELEKTRA

Só! Ah! Completamente só!

O pai partiu,

lançado para o seu

túmulo gelado...

(contra o chão)

Agamémnon!

Agamémnon!

Paí, onde estás?

Não tens força

para te arrastares até mim?

Chegou a hora, a nossa hora,

a hora em que te assassinaram.

A tua mulher e o homem

que com ela partilha o leito real,

chacinaram-te no banho.

O sangue correu sobre

os teus olhos

e a água do banho

fumegou com o teu sangue...

Depois, o covarde

segurou-te pelos ombros,

arrastando-te para fora

do teu quarto,

a cabeça primeiro,

as pernas inertes logo a seguir...

Mas os teus olhos bem abertos

percorriam fixamente esta casa...

Mas regressarás...

... passo a passo,

voltarás aqui inesperadamente,

setzets Fuß vor Fuß
und stehst auf einmal da,
die beiden Augen weit offen,
und ein königlicher Reif von Purpur
ist um deine Stirn,
des speist sich aus des Hauptes
offner Wunde.
Agamemnon! Vater!..
Ich will dich sehn,
laß mich heute nicht allein!..
Nur so wie gestern,
wie ein Schatten,
dort im Mauerwinkel zeig dich
deinem Kind!
Vater! Agamemnon!
Dein Tag wird kommen!
Von den Sternen stürzt
alle Zeit herab,
so wird das Blut aus
hundert Kehlen
stürzen auf dein Grab!..
So wie aus ungeworfnen Krügen
wird's aus den
gebundnen Mördern fließen,
und in einem Schwall,
in einem geschwollnen Bach wird
ihres Lebens Leben
aus ihnen stürzen,
und wir schlachten dir die Rosse,
die im Hause sind,
wir treiben sie vor
dem Grab zusammen,
und sie ahnen den
Tod und wiehern
in die Todesluft und sterben.

de olhos bem abertos,
com a tua coroa de púrpura
cingindo a tua fronte
alimentada pela ferida
aberta na tua cabeça.
Agamémnon!
Pai!
Quero ver-te!
Não me abandones hoje!
Surge como se fosse ontem,
e, qual sombra contra o
canto da parede,
revela-te à tua filha!
Pai! Agamémnon!
O teu dia chegará!
Tal como o tempo
se precipita das estrelas,
assim se derramará
sobre o teu túmulo
o sangue que jorra de cem gargantas.
Como cântaros quebrados,
verterá dos assassinos agrilhoados,
o sangue das suas vidas
que deles jorrará numa
corrente espessa...
E, em tua honra,
sacrificaremos os cavalos da tua casa
que, levados até ao teu túmulo,
morrerão envolvidos num
pesado ar fúnebre,
relinchando após terem
presentido a morte.
Sacrificaremos os teus cães,
os que costumavam
lamber-te os pés,

Und wir schlachten dir die Hunde,
die dir die Füße leckten,
die mit dir gejagt,
denen du die Bissen hinwarfst,
darum muß ihr Blut hinab,
um dir zu Dienst zu sein, und wir,
wir, dein Blut, dein Sohn Orest
und deine Töchter, wir drei,
wenn alles dies vollbracht
und Purpurgezelte
aufgerichtet sind,
vom Dunst des Blutes,
den die Sonne nach sich zieht,
dann tanzen wir, dein Blut,
rings um dein Grab: und über
Leichen hin werd ich das Knie
hochheben Schritt für Schritt,
und die mich werden
so tanzen sehn,
ja, die meinen Schatten
von weitem
nur so werden tanzen sehn,
die werden sagen: einem großen
König wird hier ein
großes Prunkfest
angestellt von seinem
Fleisch und Blut, und glücklich ist,
wer Kinder hat,
die um sein hohes Grab so
königliche Siegestänze tanzen!.
Agamemnon!
Agamemnon!

CHRYSOTHEMIS (die jüngere
Schwester, steht in der Haustüre)
Elektra!
(Elektra fährt zusammen und
start zuerst, wie aus einem Traum
erwachend, an Chrysothemis)

ELEKTRA
Ah, das Gesicht!

CHRYSOTHEMIS
Ist mein Gesicht
dir so verhaßt?

os que costumavam caçar contigo
e a quem tu lançavas os restos.
Também eles
terão de perecer para te servir!
E nós, nós, sangue do teu sangue,
o teu filho Orest e as tuas filhas,
quando tudo estiver cumprido,
quando os fumos do sangue
iluminados pelo sol,
pairarem no ar
como pavilhões de púrpura,
então nós, o teu sangue,
dançaremos em redor
do teu túmulo.
E sobre os cadáveres,
elevarei bem alto os meus joelhos,
passo após passo,
e todos aqueles
que me virem dançar assim,
mesmo que, de longe, só vejam
a minha sombra dançar,
exclamarão:
«Eis uma magnificente festa
celebrada pelos da sua
carne e sangue
em honra de tão grande rei!
E ditoso aquele cujos filhos
dançam em torno do seu túmulo,
danças tão reais e festivas
à glória do seu triunfo!»
Agamémnon!
Agamémnon!

CHRYSOTHEMIS (a irmã mais
nova, surge junto à porta do palácio)
Elektra!
(Elektra, perante a aparição da
irmã, olha-a como se acabasse
de despertar de um sonho)

ELEKTRA
Ah! Essa cara!

CHRYSOTHEMIS
A minha cara
é-te assim tão odiosa?

[...]

CHRYSOthemis

Geh fort, verkriech dich!
Daß sie dich nicht sieht.
Stell' dich ihr heut' nicht
in den Weg: sie schickt!
Tod aus jedem Blick.
Sie hat geträumt.
(der Lärm von vielen Kommenden
drinnen, allmählich näher)
Geh fort von hier.
Sie kommen durch die Gänge.
Sie kommen hier vorbei.
Sie hat geträumt:
ich weiß nicht was,
ich hab' es von den
Mägden gehört;
sie sagen, daß sie von Orest,
von Orest, geträumt hat,
daß sie geschrien
hat aus ihrem Schlaf,
wie einer schreit, den man erwürgt.
(Fackeln und Gestalten erfüllen
den Gang links von der Tür.)
Sie kommen schon.
Sie treibt die Mägde alle
mit Fackeln vor sich her,
sie schleppen Tiere und
Opfermesser,
Schwester, wenn sie zittert,
ist sie am schrecklichsten,
geh' ihr nur heut', nur
diese Stunde
geh' aus ihrem Weg!

ELEKTRA

Ich habe eine Lust, mit meiner
Mutter zu reden wie noch nie!

CHRYSOthemis

Ich will's nicht hören!
(stürzt ab durch die Hoftür. An den
grell erleuchteten Fenstern klirrt
und schlürft ein hastiger Zug vorüber:
es ist ein Zerren, ein Schleppen von
Tieren,

[...]

CHRYSOthemis

Vai-te, esconde-te!
Que ela não te veja!
Afasta-te dela hoje!
Só o seu olhar
é capaz de matar.
Ela teve um sonho.
(ouvem-se ruídos de gente
que se aproxima)
Vai-te daqui!
Estão a atravessar a galeria
e dirigem-se para aqui.
Ela teve um sonho.
Ignoro qual, apenas ouvi os
comentários das criadas.
Disseram que o sonho
era sobre Orest,
Sobre Orest!
E que no meio desse sonho
ela gritou por socorro como se
estivessem a estrangulá-la.
(surgem archotes e silhuetas
vindas da galeria)
Está gente a chegar.
Ela está a mandar as criadas
antes dela com archotes.
Trazem animais
e facas sacrificiais.
Irmã, quando ela sente medo,
é quanto mais terrível se revela.
Hoje afasta-te dela,
nem que seja hoje,
afasta-te dela...

ELEKTRA

Tenho vontade de falar
com a minha mãe como nunca tive!

CHRYSOthemis

Não quero ouvir o que estás a dizer!
(precipita-se para a porta que dá
para o pátio.
Uma procissão desfila apressadamente
ao longo das grandes janelas iluminadas

eingedämpftes Keifen, ein schnell
ersticktes Aufschreien,
das Niedersausen einer Peitsche,
ein Aufraffen,
ein Weitertaumeln. In dem breiten Fenster
erscheint Klytämnestra. Ihr
fahles, gedunsenes Gesicht,
in dem grellen Licht der Kackeln,
erscheint noch
bleicher über dem scharlachroten
Gewand. Sie stützt sich auf eine Vertraute,
die dunkel violett gekleidet ist,
und auf einen elfenbeinernen,
mit Edesteinen geschmückten Stab.
Eine Gelbe Gestalt, mit zurückgekämmtem
schwarzen Haar, einer Ägypterin ähnlich,
mit glattem Gesicht, einer aufgerichteten
Schlange gleichend, trägt ihr die
Schleppe. Die Königin ist über
bedeckt mit Edelsteinen und Talismanen.
Die Arme sind voll von Reifen, ihre Finger
starren von Ringen. Die Lider ihrer
Augen scheinen übermäßig groß und
es scheint ihr eine furchtbare
Anstrengung zu kosten, sie offen zu halten.
Elektra richtet sich hoch auf. Klytämnestra
öffnet jäh die Augen, zitternd vor
Zorn tritt sie ans Fenster
und zeigt mit dem Stock auf Elektra)

KLYTÄMNESTRA

Was willst du?
Seht doch, dort!
So seht doch das!
Wie es sich aufbäumt
mit geblähtem
Hals und nach mir züngelt!
Und das laß ich frei
in meinem Hause laufen!
Wenn sie mich mit
ihren Blicken töten könnte!
O Götter, warum liegt

arrastando animais, com gritos reprimidos,
alaridos sufocados, caminhando aos
tombos; todos, animais e homens,
avançam sob o estalar de um chicote.
Klytämnestra faz a sua aparição por
detrás de uma das amplas janelas.
À luz dos archotes, a palidez do seu rosto
contra as suas vestes cor de púrpura
denunciam uma mulher moribunda.
Está apoiada
por uma das suas aias de confiança, vestida
com roupagens cor violeta escura
e amparada
por um bastão de marfim rematado com
pedras preciosas. A cauda do seu vestido
é levada por uma figura de cor
amarelada cujos cabelos negros
estão apanhados atrás, aparentemente
egípcia,
com um rosto esbranquiçado e semelhante
a uma serpente eriçada. A rainha está
inteiramente
coberta de pedras preciosas e de talismãs,
os braços rodeados de braceletes
e os dedos
cobertos de anéis. As suas pálpebras
são extraordinariamente pronunciadas
e ela parece empregar um esforço
sobre-humano para as manter abertas.
Elektra levanta-se; Klytämnestra abre
os olhos e, tremendo de ira,
aproxima-se da janela apontando o
bastão em direção a Elektra)

KLYTÄMNESTRA

Que queres?
Olha para aqui!
Vede como ela se insurge
contra mim,
com o seu pescoço dilatado
e a sua língua viperina!
E pensar que consinto
que ela vagueie livremente
pela minha casa!
Como gostaria ela de matar-me
apenas com o seu olhar!

ihr so auf mir?
Warum verwüstet ihr mich so?
Warum muß meine Kraft
in mir gelähmt sein?
Warum bin ich lebendigen Leibes
wie ein wüstes Gefild
und diese Nessel wächst

[...]

Man muß nur wissen,
wie man sie nützen kann.
Wenn du nur wolltest,
du könntest etwas sagen,
was mir nützt.

ELEKTRA
Ich, Mutter, ich?

KLYTÄMNESTRA
Ja, du! Denn du bist klug.
In deinem Kopf ist alles stark.
Du könntest vieles sagen,
was mir nützt.
Wenn auch ein Wort
nichts weiter ist!
Was ist denn ein Hauch?
Und doch kriecht zwischen
Tag und Nacht,
wenn ich mit offenen Augen lieg',
ein Etwas hin über mich.
Es ist kein Wort, es ist
kein Schmerz,
es drückt mich nicht,
es würgt mich nicht.
Nichts ist es, nicht einmal ein Alp,
und dennoch, es ist so fürchterlich,
daß meine Seele sich wünscht,
erhängt zu sein, und jedes Glied
in mir schreit nach dem Tod,
und dabei leb' ich
und bin nicht einmal krank:
du siehst mich doch:
seh' ich wie eine Kranke?
Kann man denn vergehn, lebend,

Deuses!
Por que devo continuar a suportá-la?
Por que me atormenta assim?
Por que me paralisa as forças?
Por que me haveis reduzido
a um corpo vivo que habita num
deserto com esta urtiga que me

[...]

destas pedras preciosas.
Todas elas têm poderes mágicos.
Basta saber como utilizá-las.
Se ao menos tu quisesses,
poderias dar-me um conselho útil.

ELEKTRA
Eu, mãe, eu?

KLYTÄMNESTRA
Sim, tu, pois és sábia!
Tudo na tua cabeça é forte.
apesar de uma palavra não
ser mais que uma palavra,
podes dizer-me muitas coisas
que me ajudem.
Afinal, o que é um simples alento?
Entre o dia e noite, quando estou
deitada de olhos abertos,
sinto que algo rasteja sobre mim.
Não é uma palavra, tão
pouco uma dor.
Não me oprime nem me sufoca.
Não é nada, nem sequer
um pesadelo...
Por isso é que é tão aterrador
que a minha alma anseia
ser enforcada e todos os
membros do meu corpo
rogam a morte aos gritos.
E, contudo, eu continuo a viver
não estando sequer doente.
Estás a ver-me? Pareço-te doente?
Acreditas ser possível que
continue a viver como se fosse

wie ein faules Aas?
Kann man zerfallen,
wenn man gar nicht krank ist?
Zerfallen wachen Sinnes,
wie ein Kleid,
zerfressen von den Motten?
Und dann schlaf' ich und träume,
träume, daß sich mir das Mark
in den Knochen löst,
und taumle wieder auf,
und nicht der zehnte Teil der
Wasserruhr ist abgelaufen,
und was unterm Vorhang
hereingrinst
ist noch die Fackel vor der Tür,
die gräßlich zuckt, wie ein
Lebendiges und meinen
Schlaf belauert.
Diese Träume müssen
ein Ende haben.
Wer sie immer schickt,
ein jeder Dämon läßt von uns,
sobald das rechte Blut
geflossen ist.

ELEKTRA
Ein jeder!

KLYTÄMNESTRA
Und müßt ich jedes Tier,
das kriecht und fliegt,
zur Ader lassen und im Dampf
des Blutes aufsteh'n und schlafen
gehn wie die Völker des letzten
Thule im blutroten Nebel:
ich will nicht länger träumen.

ELEKTRA
Wenn das rechte Blutopfer
unterm Beile fällt,
dann träumst du nicht länger!

KLYTÄMNESTRA
Also wüßtest du mit welchem
geweihten Tier?...

uma carcaça putrefacta?
Será possível alguém em vida
se decompor sem sequer
estar enfermo?
Apodrecer conscientemente
como um mero farrapo
devorado pelas traças?
Depois adormeço e sonho,
sonho que a medula se desfaz
nos meus ossos e desperto e vejo
horrorizada que nem sequer passou
uma décima do tempo da clepsidra,
e que a luz que entra por
debaixo da porta não é ainda
a pálida luz do amanhecer,
mas sim a dos archotes que vigiam a
entrada tremeluzindo horrivelmente,
qual coisa viva a espiar o meu sono.
Tem de haver um fim para
estes pesadelos.
Quem quer que seja que mos envia,
sabe que todos os demónios
nos abandonam depois
do sangue certo ser derramado.

ELEKTRA
Todos os demónios!

KLYTÄMNESTRA
Se ordenasse que abrissem as veias
de todas as criaturas que rastejam
e voam, e eu permanecesse de pé
sobre o sangue fumegante
e depois me fosse deitar
como faz o povo de Thule,
será que voltaria a sonhar?

ELEKTRA
Quando a vítima certa
sucumbir aos golpes do machado,
então não mais voltarás a sonhar.

KLYTÄMNESTRA
E sabes tu que tipo de animal
se deve consagrar?

[...]

KLYTÄMNESTRA

(mit gesenkten Augenlidern.)
Ich schickte viel Gold
und wieder Gold,
sie sollten ihn gut halten wie
ein Königskind.

ELEKTRA

Du lügst!
Du schicktest Gold,
damit sie ihn erwürgen.

KLYTÄMNESTRA

Wer sagt dir das?

ELEKTRA

Ich seh's an deinen Augen.
Allein an deinem Zittern
seh' ich auch, daß er noch lebt.
Daß du bei Tag und Nacht
an nichts denkst als an ihn.
Daß dir das Herz
verdorrt vor Grauen, weil du weißt:
er kommt.

KLYTÄMNESTRA

Was kümmert mich,
wer außer Haus ist.
Ich lebe hier und bin die Herrin.
Diener hab' ich genug,
die Tore zu bewachen,
und wenn ich will, laß ich bei
Tag und Nacht vor meiner Kammer
drei Bewaffnete
mit offenen Augen sitzen.
Und aus dir bring' ich
so oder so das rechte Wort
schon an den Tag.
Du hast dich schon verraten,
daß du das rechte Opfer weißt
und auch die Bräuche,
die mir nützen.
Sagst du's nicht im Freien,
wirst du's an der Kette sagen.

[...]

KLYTÄMNESTRA

(baixando as pálpebras)
Enviei ouro
e mais ouro
para que o tratassem
como o filho do rei que era.

ELEKTRA

Mentes, mãe!
Enviaste ouro
para que ele fosse assassinado.

KLYTÄMNESTRA

Quem te disse tal coisa?

ELEKTRA

Vejo-o nos teus olhos.
Mas pela maneira como tremes,
também consigo ver
que ele ainda está vivo,
que noite e dia pensa nele,
e que o teu coração estremece
porque estás consciente
que ele regressará.

KLYTÄMNESTRA

Por que devo preocupar-me com
algo que existe fora destes muros?
Eu vivo aqui dentro e sou a dona
deste lugar. Tenho criadas
suficientes que vigiam as entradas,
e, se me apetecer, posso ordenar
que, dia e noite, três homens
façam sentinela à minha porta.
E, seja de que maneira for,
obrigar-te-ei a que me
contes a verdade.
Revelaste que sabes a
melhor forma de celebrar
o sacrifício adequado e os
rituais que devo seguir.
Se não me dizes de livre
vontade, cobrir-te-ei de correntes
até que tudo me reveles.

Sagst du's nicht statt,
so sagst du's hungernd.
Träume sind etwas,
das man los wird.
Wer dran leidet
und nicht das Mittel findet,
sich zu heilen, ist nur ein Narr.
Ich finde mir heraus,
wer bluten muß,
damit ich wieder schlafe.

ELEKTRA (mit einem Sprung aus dem
Dunkel auf Klytämnestra zu, immer näher
an ihr immer furchtbarer anwachsend)
Was bluten muß?
Dein eigenes Genick, wenn dich
er Jäger abgefangen hat!.
Ich hör' ihn durch die
Zimmer gehn,
ich hör' ihn den Vorhang
von dem Bette heben:
wer schlachtet ein Opfertier
im Schlaf? Er jagt dich auf,
schreiend entfliehst du, aber er,
er ist hinterdrein:
er treibt dich durch das Haus!
Willst du nach rechts,
da steht das Bett! Nach links,
schäumt das Bad wie Blut!
Das Dunkel
und die Fackeln werfen
schwarzrote
Todesnetze über dich...
(Klytämnestra, von sprachlosem
Grauen geschüttelt, will ins Haus.
Elektra zerzt sie am Gewand nach vorn.
Klytämnestraweicht gegen die Mauer
zurück. Ihre Augen sind weit aufgerissen,
der Stock entfällt ihren zitternden
Händen)
Hinab die Treppen
durch Gewölbe hin,
Gewölbe und Gewölbe
geht die Jagd...
Und ich! Ich! Ich!

Se não me disseres alimentada,
di-lo-ás esfomeada.
Os pesadelos são algo
do qual nos devemos libertar.
Quem deles padece, e não
encontra remédio para se curar,
certamente enlouquecerá.
E eu descobrirei que sangue
deve ser derramado para
que possa voltar a dormir.

ELEKTRA (com um salto, surge
rapidamente da escuridão e aproxima-se de
Klytämnestra com modos ameaçadores)
Que sangue debes derramar?
O sangue do teu próprio pescoço
quando o caçador te apanhar!
Ouço-o dirigir-se ao quarto,
correr a cortina da cama...
... quem sacrificaria
uma vítima que dorme?
Acorda-te...
foges aos gritos.
Mas ele corre atrás de ti...
... persegue-te através do palácio.
Queres escapar pela direita,
mas aí está a cama.
À esquerda, o banho fumegante,
como se fosse de sangue.
A escuridão e os archotes
cobrem-te com
o manto púrpura
e negro da morte.
(Klytämnestra, invadida por um
indescritível terror, quer entrar no palácio.
Elektra retêm-na pelo vestido.
Klytämnestra retrocede até à parede.
Os seus olhos quase saem das órbitas.
O bastão cai das suas mãos trémulas)
Desces as escadas,
e o caçador segue os teus passos,
galeria após galeria...
E eu! Eu que to envieí,
sou como um cão no teu encalço.

die ihn dir geschickt,
ich bin wie ein Hund
an deiner Ferse,

[...]

und ich steh' da und seh' dich
endlich sterben!
Dann träumst du nicht mehr,
dann brauche ich nicht
mehr zu träumen,
und wer dann noch lebt,
der jauchzt und kann sich
seines Lebens freun!

(Sie stehn einander, Elektra in wilder
Trunkenheit, Klytämnestra gräßlich
atmend vor Angst, Aug' in
Aug'. In diesem Augenblick erhellt
sich der Hausflur. Die Vertraute
kommt hergelaufen. Sie flüstert
Klytämnestra etwas ins Ohr. Diese
scheint erst nicht recht zu
verstehn. Allmählich kommt
sie zu sich. Sie winkt:)

[...]

OREST
Elektra, hör mich!

ELEKTRA
Ich will nicht wissen, wer du bist.
Ich will Niemand sehn!

OREST
Hör' mich an, ich hab' nicht Zeit.
Hör' zu: Orest lebt!
(Elektra wirft sich herum)
Wenn du dich regst,
verrätst du ihn.

[...]

e eu, imperturbável,
olho como morres!
A partir de então,
deixarás de sonhar!
E eu não terei necessidade
de sonhar mais,
e quem está vivo
exultará de gozo
por continuar a viver!

(fitam-se olhos nos olhos. Elektra,
selvaticamente embriagada de prazer,
e Klytämnestra, aterrorizada. Nesse
instante, ilumina-se a entrada
do palácio. Surge a confidente e
dirige-se a Klytämnestra a quem sussurra
algo ao ouvido. Ao princípio a rainha
parece
não compreender o que lhe
disseram; porém, gradualmente,
recupera a consciência e ordena:)

[...]

OREST
Elektra, escuta-me!

ELEKTRA
Não quero saber quem és.
Não quero ver ninguém!

OREST
Escuta-me! O tempo urge.
Escuta, Orest está vivo!
(Elektra vira-se bruscamente)
Se te mexes,
delatá-lo-ás.

ELEKTRA
So ist er frei?
Wo ist er?

OREST
Er ist unversehrt wie ich.

ELEKTRA
So rett' ihn doch,
bevor sie ihn erwürgen.

OREST
Bei meines Vaters Leichnam!
Dazu kam ich her!

ELEKTRA (von seinem Ton getroffen)
Wer bist denn du?

(der alte finstre Diener stürzt gefolgt von drei anderen Dienen aus dem Hof lautlos herein, wirft sich vor Orest nieder, küßt seine Füße, die anderen Orests Hände und den Saum seines Gewandes)

ELEKTRA (kaum ihrer mächtig)
Wer bist du denn?
Ich fürchte mich.

OREST
Die Hunde auf dem Hof erkennen mich, und meine Schwester nicht?

ELEKTRA
Orest! Orest!
Orest! Orest!
Es rührt sich niemand!
O laß deine Augen mich sehn,
Traumbild,
mir geschenktes Traumbild,
schöner als alle Träume!
Hehres, unbegreifliches,
erhabenes Gesicht,
o bleib' bei mir!
Lös' nicht in Luft dich auf,

ELEKTRA
É livre?
Onde está?

OREST
Está são e salvo, tal como eu.

ELEKTRA
Então, salva-o
antes que eles o estrangulem.

OREST
Pelo cadáver do meu pai!
É por isso que estou aqui!

ELEKTRA (alertada pelo tom da sua voz)
Final, quem és tu?

(o velho criado, de rosto sombrio, acorre silenciosamente; vem do pátio seguido por outros três. Ele prostra-se perante Orest, beija-lhe os pés, enquanto que os outros lhe beijam as mãos e a orla da sua túnica)

ELEKTRA (dominando-se)
Então, quem és tu?
Estou assustada.

OREST
Os cães do pátio reconheceram-me,
e a minha irmã não é capaz?

ELEKTRA
Orest! Orest!
Orest! Orest!
Ninguém se mexe...
Consente que os teus
olhos me contemplem,
imagem sonhada, sonho que se
me oferece, imagem sonhada,
mais bela que todos os sonhos!
Nobre rosto, inefável e sublime rosto,
permanece junto a mim,
não te evapores, não te dissipes,
não te afastes de mim,

vergeh' mir nicht, er sei denn,
daß ich jetzt gleich sterben muß
und du dich anzeigst
und mich holen kommst:
dann sterbe ich seliger,
als ich gelebt!
Orest! Orest! Orest!
(Orest neigt sich zu ihr, sie zu umarmen)
Nein, du sollst mich
nicht umarmen!
Tritt weg, ich schäme mich vor dir.
Ich weiß nicht,
wie du mich ansiehst.
Ich bin nur mehr der Leichnam
deiner Schwester, mein
armes Kind!
Ich weiß, es schaudert dich vor mir

[...]

DER PFLEGER
(hastig auf sie zu)
Seid ihr vor Sinnen,
daß ihr euren Mund nicht bändigt,
wo ein Hauch, ein Laut,
ein Nichts uns und das Werk
verderben kann.
(zu Orest in fliegender Eile)
Sie wartet drinnen,
ihre Mägde suchen nach dir.
Es ist kein Mann im Haus, Orest!
(Orest reckt sich auf, seinen Schauder
bezwingend. Die Tür des Hauses erhell
sich, und es erscheint eine Dienerin mit
einer Fackel, hinter ihr die Vertraute.
Elektra ist zurückgesprungen, steht
im Dunkel. Die Vertraute verneigt
sich gegen die beiden Fremden,
winkt, ihr hinein zu folgen. Die
Dienerin befestigt die Fackel an
einem eisernen Ring im Türpfosten.
Orest und der Pfleger gehen hinein.
Orest schliesst einen Augenblick
schwindelnd die Augen, der Pfleger
ist dicht hinter ihm, sie tauschen

a menos que tenha de
morrer neste instante
e venhas levar-me contigo.
Assim sendo, morrerei mais feliz
do que fui em toda a minha vida.
Orest! Orest! Orest!
(Orest baixa-se para abraçá-la com
violência)
Não, não debes abraçar-me!
Recua!
Perante ti, sinto vingança.
Ignoro como me vês,
sou apenas o cadáver da tua irmã,
pobre criança.
Sei que perante mim
estremeces de horror.
Contudo, fui filha de um rei.

[...]

O PRECETOR DE OREST
(precipitando-se para ambos)
Será que enlouqueceram tanto
que não sejam capazes de controlar
as vossas bocas
quando um simples suspiro,
um ruído, nos pode deitar a perder?
(para Orest, apressadamente)
Ela esperam lá dentro.
As criadas estão à tua procura.
Orest, não há homens no palácio.
(Orest levanta-se, controlando o seu
terror.
Surge uma luz à porta do palácio
de onde aparece uma criada
que empunha um archote
seguida da confidente.
Elektra recuou de um salto e está
agora na obscuridade.
A confidente inclina-se perante os
forasteiros e, com um sinal,
convida-os a segui-la até ao
interior. A criada fixa o archote
num anel de ferro junto à porta.
Orest e o precetor entram no palácio.

einen schnellen Blick. Die Tür schliesst sich hinter ihnen. Elektra allein, in entsetzlicher Spannung. Sie läuft auf einem Strich vor der Tür hin und her, mit gesenktem Kopf, wie das gefangene Tier im Käfig. Plötzlich steht sie still)

ELEKTRA

Ich habe ihm das Beil
nicht geben können!
Sie sind gegangen und ich habe ihm
das Beil nicht geben können.
Es sind keine Götter im Himmel!
(abermals ein furchtbares Warten. Von
ferne tönt drinnen, gellend, der Schrei
Klytämnestras. Wie ein Dämon)
Triff noch einmal!
(von drinnen ein zweiter Schrei.
Aus dem Wohngebäude links kommen
Chrysothemis und eine Schar
Dienerinnen heraus. Elektra steht
in der Tür, mit dem Rücken an die
Tür gepreßt)

[...]

CHRYSOTHEMIS

Elektra!
Ich muß bei meinem Bruder stehn!
(Chrysothemis läuft hinaus, Elektra
schreitet von der Schwelle herunter.
Sie hat den Kopf zurückgeworfen
wie eine Mänade. Sie wirft die Knie,
sie reckt die Arme aus, es ist ein
namenloser Tanz, in welchem sie
nach vorwärts schreitet)

CHRYSOTHEMIS

(erscheint wieder an der Tür, hinter
ihr Fackeln Gedräng, Gesichter

Orest, como tomado por uma vertigem,
fecha os olhos por instantes.
O preceptor acerca-se de Orest com
quem troca um rápido olhar.
A porta fecha-se por detrás
deles. Elektra fica sozinha,
assaltada por uma extraordinária
ansiedade. Subitamente, detém-se
e exclama)

ELEKTRA

Não consegui dar-lhe o machado.
Foram-se embora
e não consegui
dar-lhe o machado.
Não há deuses no céu!
(de novo, uma espera terrível. Vindo
do fundo do palácio Ressoa o grito
estridente de Klytämnestra)
Desfere mais outro golpe!
(um segundo grito ouve-se vindo do
interior. Vinda dos aposentos
da esquerda, acorrem Chrysothemis
e uma multidão de criadas.
Elektra permanece encostada
à ombreira da porta)

[...]

CHRYSOTHEMIS

Elektra!
Tenho de ir ter com o meu irmão!
(sai correndo; Elektra desce da
ombreira da porta com a cabeça
atirada para trás como uma
ménade. Levanta os joelhos
e abre os braços numa
dança estranha que a leva
até ao proscénio)

CHRYSOTHEMIS

(surge novamente; atrás dela,
archotes e rostos de homens

von Männern und Frauen)
Elektra!

ELEKTRA (bleibt stehen,
sieht starr auf sie hin)
Schweig, und tanze.
Alle müssen herbei!
Hier schliesst euch an!
Ich trage die Last des Glückes,
und ich tanze vor euch her.
Wer glücklich ist wie wir,
dem ziemt nur eins:
schweigen und tanzen!
(Sie tut noch einige Schritte des
angespanntesten Triumphes
und stürzt zusammen)

CHRYSOthemis (zu ihr, Elektra
liegt starr. Chrysothemis läuft an die
Tür des Hauses, schlägt daran)
Orest! Orest!
(Stille, Vorhang.)

e de mulheres)
Elektra!

ELEKTRA (permanece de pé,
imóvel e de olhar fixo)
Cala-te e dança!
Aproximai-vos todos!
Uni-vos a mim!
Trago comigo a alegria
e danço perante vós.
Quem for tão feliz
como nós,
só lhe resta calar e dançar!
(avança uns passos em
jeito de triunfo e de
êxtase e cai por terra)

CHRYSOthemis (vai ter com ela.
Elektra permanece imóvel.
Chrysothemis
corre para o palácio e bate à porta)
Orest! Orest!
(silêncio. Cortina)

NUNO VIEIRA DE ALMEIDA

Estudou em Lisboa com José Manuel Beirão e Tania Achot e, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Viena, com Leonid Brumberg e em Londres com Geoffrey Parsons.

Apresenta-se regularmente como pianista de *Lied* com os maiores cantores nacionais e grandes nomes internacionais (Gundula Janowitz, Peter Weber, Peter Jelosits, Ulla Gustafson, Gabriele Fontana, etc.) em Portugal e no estrangeiro.

Interpretou em Portugal muitas primeiras audições de obras de compositores como: Schönberg, Webern, Wolf, Von Einem, Schreker, Korngold, Weil, Bernstein, Britten, entre outros. Em primeira audição mundial obras de: João Madureira, Carlos Caires, Constança Capdeville, Paulo Brandão, etc.

É autor de diversos projetos de síntese musical com áreas como a pintura, o teatro, o cinema e a poesia.

Foi coautor com Yvette Centeno do programa de rádio *O texto e a música*. Colabora regularmente em espetáculos de teatro e cinema como intérprete e autor de bandas sonoras: Manoel de Oliveira – *Vale Abraão*, João Botelho – *La Valse*, etc.

É responsável pelo ressurgimento de muitas obras para voz declamada e piano, tendo interpretado muitas em estreia em Portugal e encomendado outras tantas a compositores portugueses.

É professor na Escola Superior de Música de Lisboa como coordenador da classe de canto e Doutorado em Musicologia Histórica pela Universidade Nova de Lisboa – 2015.

No seu trabalho destacam-se os seguintes projetos: gravação da integral para canto e piano de Luís de Freitas Branco e Joly Braga Santos, assim como um duplo CD com obra para canto e piano de Fernando Lopes-Graça com Elsa Saque. Gravação de um CD com obras de Lopes-Graça, nunca gravadas, com Ana Maria Pinto e João Rodrigues e um outro com obras de Vianna da Motta.

Gravou também *Viagem de Inverno*, de Schubert, com Peter Weber.

Apresentou em estreia mundial a obra *Cantares Galegos* de Joly Braga Santos – versão para canto e piano – com Elsa Saque, em 2005. Foi responsável pela apresentação de muitos jovens cantores portugueses com as séries de concertos *Jovens Cantores*.

Estreou em Portugal, no CCB, com Rita Blanco, o melodrama de Richard Strauss *Enoch Arden* (2021).

Para a editora Naxos gravou três CD com obra inédita para canto e piano de Fernando Lopes-Graça. Os dois primeiros com a colaboração de Susana Gaspar, Cátia Moreso, Fernando Guimarães e Ricardo Panela. O terceiro CD, gravado apenas com Susana Gaspar e que acaba de ser lançado no mercado internacional, contém também várias primeiras gravações mundiais a par com algumas das suas mais famosas canções.

16 OUT

FAUSTO 1

**A LEITURA DE BERLIOZ E MAHLER
DOS 2 FAUSTOS DE GOETHE**

NUNO VIEIRA DE ALMEIDA

Ciclo de Conferências

MITOS E ÍCONES

Fausto ocupa Goethe durante grande parte da sua vida.

A primeira parte é publicada em 1808 e a segunda,
já postumamente, em 1832.

Do primeiro *Fausto* é a leitura musical de Berlioz
a que mais me interessa, sem desprimor para todas as outras.
O segundo *Fausto* foi menos favorecido no número de compositores
que o puseram em música; Busoni e Boito visitam-no pontualmente,
mas Mahler, em contrapartida, utiliza a comovente cena final
na segunda e última parte da sua *Oitava Sinfonia*.
É sobre estas duas obras que nos iremos debruçar.

Quarta, 18h30

Sala Fernando Pessoa



APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

